

**COORDENAÇÃO, SUBORDINAÇÃO E CORRELAÇÃO:  
TRÊS PROCESSOS DISTINTOS  
DE FORMAÇÃO DO PERÍODO COMPOSTO**

Ana Cecília dos Santos Santoro (UFF)

[anacsantoro@ig.com.br](mailto:anacsantoro@ig.com.br)

Gabriela Barreto de Oliveira (UFF)

[gabrielaboliveira@hotmail.com](mailto:gabrielaboliveira@hotmail.com)

### **1. Introdução**

O presente trabalho aborda a correlação, que, embora não seja considerada pela Nomenclatura Gramatical Brasileira e pela gramática tradicional como um tipo específico de ligação de orações, é um fenômeno linguístico complexo e rico.

Apenas José Oiticica, em seu livro *teoria da correlação*, lançado em 1952, estuda de forma mais detalhada esse tema. Por isso nossa pesquisa adotará como pressuposto teórico esse obra, porque certamente é a obra da língua portuguesa que apresenta mais contribuições para a análise desse fenômeno.

A gramática tradicional, ao abordar a correlação, a considera um simples recurso retórico pertencente à correlação e à subordinação que têm a função de enfatizar igualmente os termos conectados. A Nomenclatura Gramatical Brasileira, por sua vez, nem mesmo menciona esse processo sintático, apenas a menciona em seu anteprojeto, como uma forma de oração coordenada assindética.

Chediak (1960), por exemplo, quando foi consultado à época da elaboração da Nomenclatura Gramatical Brasileira, expressou seu lamento por o anteprojeto ter excluído a correlação como um dos processos de composição de período.

Tendo em vista que a correlação foi e ainda é hoje muito pouco estudada pela Academia, temos como objetivo reacender a discussão sobre o tema, diferenciando-o da coordenação e da subordinação. No entanto entendemos que correlação, coordenação e subordinação são processos de articulação sintática que formam um *continuum* e, sendo assim, possuem muitos pontos em comum.

A distinção entre a coordenação e a subordinação há tempos ocupa gramáticos e linguistas. Mas, mesmo sabendo que há muitos pontos

controversos na distinção entre tais processos, nosso estudo não se aprofundará nesses aspectos, pois não os julgamos essenciais para esse trabalho.

## **2. Processos de estruturação do período composto**

Sobre a estruturação do período composto, a Nomenclatura Gramatical Brasileira e a gramática tradicional citam apenas dois processos, a coordenação e a subordinação. É o que verificamos em Luft (1983, p. 45)

O período composto pode ser estruturado de dois modos, conforme a natureza das orações que o compõem: a) apenas com orações independentes, b) com oração principal e oração(es) subordinada(s). Daí a classificação do período composto:

- a) por coordenação;
- b) por subordinação.

Temos, assim, a oposição: coordenação/subordinação.

Rocha Lima (1998, p. 259) adota a mesma concepção quando diz que: “apresenta o período duas estruturas típicas: a coordenação e a subordinação”. A primeira se caracterizaria pela independência sintática das orações formadoras do período; a segunda, por sua vez, seria marcada pela interdependência sintática entre a oração dita principal e a(s) subordinada(s).

Já Azeredo (2002, p. 155) considera que há três tipos fundamentais de conexões entre orações: justaposição, subordinação e coordenação.

Dois ou mais constituintes do enunciado se dizem unidos por justaposição quando não há qualquer marca formal – concordância, palavras gramaticais – dessa união. As palavras gramaticais que servem de instrumento a estes processos são os conectivos.

Para Bechara (2004, p. 48), a coordenação (também chamada por ele de parataxe) consiste

na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples deste estrato. Portanto o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade re-

sultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas.

No entanto, para alguns estudiosos, a coordenação e a subordinação são os principais recursos para a montagem de orações complexas, mas não os únicos. Oiticica, Ney, Chediak e Melo, por exemplo, apresentam pelo menos mais um recurso: a correlação.

A abordagem tradicional costuma distinguir os processos de estruturação sintática do período a partir do tipo de relação estabelecida entre as orações do período: a coordenação apresentaria uma relação de independência sintática, em que as orações constituintes seriam de mesmo estatuto, portanto autônomas; enquanto a subordinação, pelo contrário, apresentaria uma relação de dependência, em que uma delas funcionaria como parte da outra. No entanto José Oiticica (1945; 1952) considera a correlação um mecanismo sintático diferente da coordenação e da subordinação. Ela seria o processo de composição do período em que existe interdependência das orações.

Luft (1983, p. 47), por sua vez, afirma que não há motivo algum para classificar a correlação como um processo especial de composição do período. Não que ela não exista, mas seria apenas um tipo especial de ligação que se estabelece dentro da coordenação e da subordinação.

Assim, julgamos útil a apresentação do quadro abaixo, que é uma versão ampliada por nós do quadro de Rodrigues (2007, p. 230), visto ser uma sistematização do tratamento dado à correlação na gramática tradicional.

<b>Gramático</b>	<b>Explicitação da nomenclatura ORAÇÕES CORRELATAS</b>	<b>Menção indireta à correlação</b>
Bechara (1987, p. 216)	_____	_____
Bechara (2004, p.321)	_____	Não tem uma explicitação da nomenclatura, mas diz que “A expressão enfática da conjunção aditiva e pode ser expressa pela série <i>não só... mas também</i> e equivalentes”
Cunha (1990, p. 539) Cunha & Cintra (1985, p. 578-601)	_____	Orações comparativas, consecutivas e, às vezes, proporcionais podem estar em correlação com um membro da oração principal.
Rocha Lima (1998, p.259-284)	_____	Menciona “fórmulas correlativas” e “expressões correlativas” (cf. orações subordinadas comparativas, proporcionais

		e coordenadas aditivas)
Luft (1983, p.45-64)	Orações correlatas aditivas, comparativas, consecutivas e proporcionais (p.46)	_____
Kury (2002, p.62-109)	Orações consecutivas correlatas (p.98) e orações proporcionais correlatas (p. 104)	Menciona: <ul style="list-style-type: none"> <li>• aditivas com correlação (p.66)</li> <li>• palavra ou locução correlativa (p. 91 – orações comparativas)</li> <li>• comparativas quantitativas se acham em correlação com uma palavra intensiva da oração principal (p.92)</li> </ul>
Azeredo (2008, p. 289-351)	_____	A correlação é um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso, e não um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação (p.351).

### 3. Coordenação e subordinação

Segundo a gramática tradicional, o período composto apresenta apenas duas formas de se estruturar: a coordenação e a subordinação, que se distinguem pelo modo como se dispõem e se relacionam entre si.

Para Celso Cunha (1985, p. 578), a coordenação apresenta dois aspectos que a diferenciam da subordinação: as orações que constituem o período são autônomas entre si, ou seja, são independentes umas das outras, e têm sentido próprio. Sendo assim uma oração coordenada não pode funcionar como termo da outra oração, sendo possível apenas que ela enriqueça o sentido de outra oração.

Já para Garcia (1969, p. 13), a coordenação

é um paralelismo de funções ou valores sintáticos idênticos, as orações se dizem da mesma natureza, devem ter a mesma estrutura sintático-gramatical e se interligam por meio de conectivos chamados conjunções coordenativas. É um processo de encadeamento.

Carone (2008, p. 23) acrescenta ainda que, além de os elementos coordenados terem a mesma função sintática, eles pertencem a um mesmo paradigma; formam sequências abertas e não sintagmas; e que é possível coordenar tanto orações quanto termos de uma oração.

Ou seja, quanto à identidade funcional dos termos coordenados não há discordâncias entre os autores tradicionais.

Para Mattoso Câmara (1968, p. 362), a construção que se opõe à coordenação é a subordinação, que é “a construção sintática em que uma

oração, determinante, [...] se articula com outra, determinada por ela e principal em relação a ela”.

Celso Cunha (1985, p. 579), por sua vez, diz que

as orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações subordinadas e uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO.

Assim sendo, de forma geral, a coordenação é o processo de composição do período em que uma oração é posta ao lado de outra que possui a mesma natureza que ela e a mesma função sintática, as orações do período composto por coordenação são, portanto, autônomas. Já a subordinação é o processo em que uma oração exerce função sintática em outra, chamada principal, não tendo, portanto, autonomia, pois faz parte de outra oração.

#### **4. Correlação**

Para a gramática tradicional, “a correlação é um expediente retórico, de rendimento enfático no discurso, e não um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação” (AZEREDO, 2008, p. 351). Rocha Lima (199, p. 261), por exemplo, afirma que a correlação é apenas uma forma de “dar mais vigor à coordenação”. Já Bechara (2009, p. 321) diz que a “expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes”.

No entanto vários autores, tanto antigos (Chediak, Melo, Ney) quanto mais modernos (Castilho, Rodrigues), defendem a ideia de que a correlação é um processo de formação do período composto. Ela seria distinta dos outros dois, pois, enquanto a subordinação é marcada pela dependência sintática das orações e a coordenação é marcada pela independência entre elas, a correlação é marcada pela interdependência das orações. É o que encontramos em Rodrigues (2010, p. 18) quando cita Castilho:

Castilho (1988), ao apresentar os tipos de ligação sentencial, utiliza-se do conceito de sentenças complexas – duas ou mais sentenças que funcionam como constituintes de uma unidade maior, estruturando-se tais constituintes coordenada, subordinada ou correlatamente. Tais sentenças envolvem três tipos de relação intersentencial: (I) estruturas independentes ou coordenadas; (II) estruturas dependentes ou subordinadas; (III) estruturas interdependentes ou correlatas.

O período composto por correlação difere do composto coordenado e do por subordinação não só pelas relações que se estabelece entre as orações formadoras do período mas também quanto a sua estrutura. Na correlação, cada elemento gramatical na primeira oração corresponde a outro elemento gramatical na segunda, ou seja, a união sintática de dois sintagmas ou de duas orações é feita através de um par de palavras ou locuções que separadamente assinalam cada um dos termos conectados. Essa relação é estabelecida por meio de expressões correlatas, sendo que, conforme ressalta Azeredo (2002, p. 156) “a maior parte das palavras gramaticais que a realizam é emprestada de outras classes, como os advérbios tanto quanto, mais e também”.

Quanto à classificação das orações correlatas há divergência entre os autores. Oiticica (1952), o primeiro gramático brasileiro a considerar a correlação como um processo sintático autônomo, divide as orações correlatas em aditiva, comparativa, consecutiva e quantitativa.

Assim, segundo, esse autor as orações correlatas se dividem em:

#### I – Comparativas:

- Qualitativas – “as orações se prendem uma à outra por comparação, com paralelismo na apresentação dos dois conceitos”. Este é estabelecido pelo uso do pronome tal no início das duas orações.

Exemplo: Tal era o pai, tal hoje é o filho.

- Quantitativas –

- ✓ de igualdade

Exemplo: Tanto gritava a mulher quanto gritava o filho.

- ✓ de superioridade

Exemplo: O velho trabalha mais do que o moço.

- ✓ de inferioridade

Exemplo: Nós vendemos menos do que vocês.

## II – Aditivas:

Exemplo: Não somente procederam mal, mas também acusaram dois empregados inocentes.

## III – Consecutivas:

Exemplo: O susto foi tal, que a moça desmaiou.

Já Castilho (2011, p. 143), afirma que, a correlação pode ser aditiva, alternativa, consecutiva e comparativa. Normalmente, as duas primeiras, na gramática tradicional são diluídas na coordenação e as duas últimas na subordinação.

Para Melo (1968, p. 238), no entanto, a correlação pode ser consecutiva, comparativa, equiparativa e alternativa. Para nós essa proposta parece ser a mais adequada.

## 5. *Conclusão*

Assim, como vimos, os autores da gramática tradicional consideram que a correlação não se encontra no mesmo plano da coordenação e subordinação, pois estas dizem respeito ao valor sintático de independência ou de dependência em que se acham as orações dentro do período. Já a correlação seria apenas um modo de se ligarem entre si estas mesmas orações.

No entanto discordamos desse ponto de vista, que entende a correlação como um tipo especial de conexão que se estabelece dentro da coordenação e da subordinação, pois entendemos, assim como Melo (1968, p. 237), que a correlação “é um processo sintático irreduzível a qualquer dos outros dois, um processo mais complexo, em que há, de certo modo, interdependência”.

Sabemos que a hipótese de a correlação ser um processo distinto da coordenação e da subordinação é muito controversa e por isso merece ser estudada mais a fundo. Logo se faz necessário prosseguir com as pesquisas nessa área com o intuito de testá-la melhor, aprofundando a discussão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Houaiss/Publifolha, 2008.

\_\_\_\_\_. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987.

\_\_\_\_\_. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRASIL. MEC. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro, 1959.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1968.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 2008.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2011.

CHEDIAK, Antônio José (Org.). *Nomenclatura gramatical brasileira e sua elaboração*. Rio de Janeiro: CADES, 1960.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1990.

\_\_\_\_\_; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1969.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 2002.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 4. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1983.

MELO, Gladstone Chaves. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

NEY, João Luiz. *Guia de análise sintática*. Rio de Janeiro: [s. ed.], 1955.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1945.

\_\_\_\_\_. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2012.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

RODRIGUES, Violeta Virginia (Org.). *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

\_\_\_\_\_. Correlação. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.